



## Um Estudo Psicanalítico sobre a Formação de Grupo

Débora dos Santos Silva<sup>1</sup>; Márcio Moreira Silva<sup>2</sup>; Cícera Maria dos Santos Gomes<sup>3</sup>; Maria Ayrilles Macêdo<sup>4</sup>; Jailma dos Santos Barbosas

**Resumo:** O artigo pretendeu estudar as atitudes e comportamentos expressos nas formações grupais de modo a lançar luz sobre o enigma da influência quase irresistível que o grupo exerce sobre os indivíduos. Para tanto, utilizou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica, com ênfase na abordagem psicanalítica dos fenômenos e considerando o texto freudiano *Psicologia de grupo e análise do ego* como base para nossas indagações, reflexões e conclusões. Neste escrito Freud faz menção aos estudiosos do comportamento social, tais como: Gustave LeBon, McDougall e Trotter, que consideravam os movimentos dos grupos numa perspectiva um tanto negativa, para em seguida demonstrar a influência do líder no comportamento grupal. Portanto, considerando a importância dada pela psicanálise no que tange ao poder do líder enquanto formador e fomentador das massas a ele confiadas, buscou-se trazer à baila as características observadas para que um sujeito se configure enquanto líder conseguindo, assim, suprimir os desejos individuais (libidinais/agressivos) no intuito de favorecer a coesão grupal a ponto de seus membros parecerem hipnotizados. Estas construções teóricas são aplicadas na análise e interpretação de certos comportamentos de chefes religiosos e de estado de nosso tempo, a exemplo de Osama Bin Laden e George W. Bush.

**Palavras-chave:** grupo, líder, hipnose, Osama Bin Laden, George W. Bush.

## A Psychoanalytic Study about Group Training

**Abstract:** This article aims to study the attitudes and behavior expressed in group formations in order to shed light on the enigma of almost overwhelming influence that the group has on individuals. For this, we used the bibliographic research methodology, emphasizing the psychoanalytical approach of the phenomena and considering the Freudian text *Group Psychology and Ego analysis* as a basis for our questions, reflections and conclusions. In this writing Freud mentions the scholars of social behavior, such as Gustave LeBon, McDougall and Trotter, who considered the movements of groups in a somewhat negative perspective, to then demonstrate the influence of the leader in group behavior. Therefore, considering the importance given by psychoanalysis regarding the power of the leader as a trainer and developer of the masses entrusted to him, we tried to bring up the characteristics observed for a subject is set as a leading managed thus suppressing individual desires (libidinal / aggressive) in order to promote group cohesion as to its members seem hypnotized. These theoretical constructs are applied in the analysis and interpretation of certain behaviors of religious leaders and state of our time, like Osama Bin Laden and George W. Bush.

**Keywords:** group leader, hypnosis, Osama Bin Laden, George W. Bush.

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Faculdade Leão Sampaio – FALS. Especialista em Educação Inclusiva e Prática Docente do Ensino Superior pelas Faculdades Integradas de Patos – FIP. Email: deborassilva25@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Psicologia pela Faculdade Leão Sampaio – FALS. Especialista em Psicologia Aplicada à Educação pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Email: marciopsi@bol.com.br

<sup>3</sup> Graduada, Mestre e Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Pernambuco – UFPE. Email: gomes\_cicera@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Psicóloga Faculdade Leão Sampaio. Pós-Graduada pela Escola de Saúde Pública do Ceara na modalidade de Residência em Saúde da Família. Atualmente Psicóloga do NASF do município de Granjeiro-CE. Email: ayrillesmacedo@hotmail.com;

<sup>5</sup> Professora da Educação Infantil no Município de Juazeiro do Norte – CE. Graduada em Letras e Pós-graduada em Linguística.



## Introdução

Interpretar as motivações que jazem ocultas nas relações do indivíduo com o mundo externo e interno, sendo este último criado ou formado a partir do primeiro, é escopo da psicanálise. Portanto, entendendo que explicar as várias ações humanas a partir da vida mental consciente se constitui em forma de análise superficial, busca chegar às atividades inconscientes representadas em primeira instância nos sonhos das pessoas normais e nos sintomas dos sujeitos neuróticos e em última instância nas parapraxias: atos falhos, lapsos, chistes, a fim de fornecer instrumental técnico e ético para a cura dos ditos doentes, além de contribuir para o surgimento e formação de outra sociedade. Sociedade esta fundada não mais em repressões, mas, preferencialmente, em sublimações das cotas energéticas sexuais para que os objetivos da civilização se aproximem dos objetivos dos indivíduos.

Ora, se o homem nasce, cresce e é educado no interior de uma família que nada mais é do que o protótipo da sociedade da qual o indivíduo fará parte enquanto peça determinada e determinante. Então, estender o estudo psicanalítico da individualidade para a sociedade corresponde apenas a um trabalho de maiores proporções, sendo, portanto uma tentativa relevante perceber as semelhanças e diferenças da psicologia da mente grupal a partir da psicologia subjetiva.<sup>5</sup>

### A mente grupal segundo LeBon, McDougall e Trotter

Ao escrever *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud (1921) busca relacionar as teorias vigentes no que toca à formação de grupos. Assim, traz à baila teóricos como: Gustave Le Bon, McDougall e Trotter ciente de encontrar um ponto de ligação entre seus estudos e as descobertas da psicanálise.

Vejamos o que Freud conclui dos trabalhos destes teóricos no que se refere à mente grupal, a começar por Le Bon.

Para Le Bon o indivíduo quando inserido em um grupo perderia aquelas qualidades que o distinguiria dos demais, assumindo, desse modo características do grupo. Isto aconteceria por três fatores em particular: 1) a aquisição, por parte do indivíduo, por causa mesmo das questões referentes à quantidade, de "[...] um sentimento de poder invencível que lhe permite render-se a instintos que estivesse ele sozinho, teria compulsoriamente mantido sob coerção [...]" (Le Bon *apud* Freud, 1996, p. 85). Vale acrescentar que tal característica lembraria o conceito de desindividuação proposto por Zimbardo correspondendo "[...] à idéia oposta de ausência de sentimento de individualidade distinta ou

---

<sup>5</sup>Este ponto de partida torna-se necessário considerando-se o fato de que os estudos em psicanálise surgem a partir da clínica.



de autoconsciência". (Rodrigues, Assman; Jablonski, 1999, p. 222); 2) no interior de um grupo todas as ações são contagiosas a tal ponto que "[...] o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo [...]" (Le Bon *apud* Freud, 1996/1921, p. 86); 3) a sugestionabilidade que faria com que o indivíduo perdesse a consciência de suas ações, como se estivesse sob hipnose e sendo comandado pelo hipnotizador. Assim,

[...] sob a influência de uma sugestão, empreenderá a realização de certos atos com irresistível impetuosidade. Essa impetuosidade é ainda mais irresistível no caso dos grupos do que no sujeito hipnotizado, porque, sendo a sugestão a mesma para todos os indivíduos do grupo, ela ganha força pela reciprocidade. (FREUD, 1996/1921, p. 86-7).

Estas definições propostas por Le Bon acarretariam, segundo Freud, um forte sentimento de desaprovação da formação de grupos, e, na verdade Le Bon deixa transparecer seu olhar negativo em relação à mente grupal. É com esta perspectiva que irá afirmar:

[...] pelo simples fato de fazer parte de um grupo organizado, um homem desce vários degraus na escada da civilização. Isolado, pode ser um indivíduo culto; numa multidão, é um bárbaro, ou seja, uma criatura que age pelo instinto [...] (LE BON *apud* FREUD, 1996/1921, p. 87).

Freud concordaria com a assertiva de que o indivíduo ao fazer parte de um grupo efêmero ou estável perderia ou se permitiria o afrouxamento daquelas repressões que o impediriam, quando dirigido pelo ideal do ego (Supereu), de realizar seus impulsos sexuais ou agressivos mais primitivos. No entanto, Freud faz algumas considerações no que toca ao papel desempenhado pelo líder para a formação da massa expectante, coisa que Le Bon toca apenas superficialmente. Contudo, este ponto na teoria freudiana será abordado posteriormente.

Pode-se dizer que McDougall concorde com Le Bon no sentido de creditar aos grupos as características de impulsividade, violência, contradição, deliberações incorretas, julgamentos imprecisos, com pouco senso de responsabilidade e autoconsciência, sendo o seu comportamento mais próximo "[...] ao de uma criança indisciplinada ou de um selvagem passional e desassistido numa situação estranha [...]" e, nos piores casos, ser mais semelhante ao de um animal selvagem que ao de seres humanos" (MCDUGALL *apud* FREUD, 1996/1921, p. 96).

Porém McDougall faz uma interessante separação entre um grupo não organizado: e aí as características acima mencionadas definiriam bem seus sentimentos e atos, daqueles grupos altamente organizados. Grupos estes formados com base em cinco condições, a saber: 1) existência continuada do grupo a partir de tarefas, cargos ou posições fixas para cada membro; 2) desenvolvimento e estreitamento dos laços emocionais no grupo; 3) interação do grupo com outros grupos que divirjam de suas ideias e ideais; 4) estabelecimento de atos que se encarnem em costumes e tradições de forma



determinante para as relações dos membros; 5) construção de uma estrutura e funcionamento bem definidos.

Portanto, para McDougall quando as condições acima referidas são atendidas as "[...] desvantagens psicológicas das formações de grupo [...]" (MCDOUGALL *apud* FREUD, 1996/1921, p. 97) são dissolvidas.

Trotter, por sua vez, defende a existência de um instinto gregário. Portanto, “[...] biologicamente [...] esse gregarismo constitui uma analogia à multicelularidade, sendo, por assim dizer, uma continuação dela [...] Se está sozinho, o indivíduo sente-se incompleto [...]”. (TROTTER *apud* FREUD, 1996/1921, p. 128). Esta incompletude, pois, terminaria por impulsionar o sujeito a unir-se a outros sujeitos. Trotter afirmará, neste sentido, que o instinto gregário é um instinto primário tanto quanto o sexual e o de autopreservação.

### **Freud e o enfoque no líder**

Contudo, estas teorias não abordam as peculiaridades de um líder e sua importância para a manutenção do grupo. É aí que Freud introduz as questões relativas à hipótese da existência de uma possível horda primeva influenciando os destinos de toda a sociedade humana. Vejamos o que diz a este respeito.

Os grupos humanos apresentam mais uma vez o quadro familiar de um indivíduo de força superior em meio a um bando de companheiros iguais [...] A psicologia de um grupo assim, como o conhecemos a partir das descrições a que com tanta frequência nos referimos, o afinamento da personalidade individual consciente, a focalização de pensamentos e sentimentos numa direção comum, a predominância do lado afetivo da mente e da vida psíquica inconsciente, a tendência à execução imediata das intenções tão logo ocorram: tudo isso corresponde a um estado de regressão a uma atividade mental primitiva, exatamente da espécie que estaríamos inclinados a atribuir à horda primeva (FREUD, 1996/1921, p. 133)<sup>6</sup>.

É como se o indivíduo, pressionado por sentimentos contraditórios frente àqueles que foram convocados a viver do seu lado, buscasse dirimir suas diferenças a fim de garantir sua própria segurança e sobrevivência frente a um mundo inóspito. Desse modo, termina por identificar-se com eles (os membros do grupo), identificação que possui uma curiosa qualidade emocional: a ambivalência. Ambivalência esta relacionada ao ódio (em virtude da divisão do afeto no que se refere ao objeto de amor primordial) e amor (referente às identificações, introjeções e projeções para com o grupo).

---

<sup>6</sup> Para maiores detalhes acerca do mito da horda primeva, remetemos o leitor ao texto *Totem e tabu*.



## Diferenciações entre identificação e idealização

Portanto, não raro os indivíduos se identificam com aqueles que se relacionam de modo mais aproximado com o objeto de seu amor na tentativa de adquirir as características destes objetos indesejados que impedem, frustram a plena satisfação de seus instintos por reclamarem para si uma parte do investimento libidinal do objeto amoroso.

O que garantiria, pois, a permanência e solidez do grupo seria este laço identificatório entre seus componentes. Laço favorecido pelo sentimento de amor recíproco dos membros do grupo para com o líder ou o *ideal* de líder.

Ora, "[...] a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo." (FREUD, 1996/1921, p. 116). Portanto, absorver no ego as características do objeto seria um aspecto importante no que toca à identificação. Por outro lado, no enamoramento, o ego estaria como que consumido pelo objeto, submisso que está frente a ele. Ademais "[...] traços de humildade, de limitação do narcisismo e de danos causados a si próprios ocorrem em todos os casos de estar amando; no caso extremo, são simplesmente intensificados [...]" (FREUD, 1996/1921, p. 123). Percebe-se, assim, que o objeto substitui o ideal do ego. Cabe acrescentar ainda que nesta idealização do objeto amoroso, as finalidades estritamente sexuais podem ceder lugar a instintos afetivos inibidos em seus objetivos.

## Instintos inibidos e instintos desinibidos

Estes impulsos sexuais ou afetivos inibidos em seus objetivos é que forneceriam as bases para os laços permanentes entre os homens. É como se o objeto substituísse o ideal do ego (tanto para as mais belas ações como para as mais destrutivas) impulsionando os indivíduos, em virtude da satisfação incompleta de seus desejos mais primitivos, para o trabalho conjunto.

Pode-se dizer que as instituições de nossa cultura: suas normas e tradições e até o comportamento pró-social entendido aqui como "[...] qualquer ato executado com o objetivo de beneficiar alguém [...]" (Rodrigues; Assmar; Jablonski, 1999, p. 246), além do comportamento altruísta: definido pela psicologia social enquanto "[...] qualquer ato que beneficia alguém, mas sem trazer qualquer benefício para o altruísta, e que geralmente envolve algum custo pessoal para aquele que ajuda" (Rodrigues; Assmar; Jablonski, 1999, p. 246), e, até mesmo o comportamento antissocial encarnado nos sintomas de violência e agressão contra sujeitos de crença, classe e/ou cultura diversas estariam associados àqueles objetivos sexuais inibidos, fornecendo, destarte, a força energética para a construção e destruição dos bens espirituais, intelectuais e tecnológicos da civilização.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A pulsão de morte claramente estaria nas sombras destas atividades.



Com base no que foi dito, conclui-se que "[...] um grupo primário [...] é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objetivo no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego [...]" (FREUD, 1996/1921, grifos do autor, p. 126) através, vale ressaltar, da introjeção de certos caracteres provindos do grupo.

É preciso que se clarifique esta assertiva, já que durante a história da humanidade muitos grupos elegeram como seus líderes sujeitos que, partindo dos pressupostos da ética e da moralidade, seriam vistos mais como algozes criminosos do que como heróis. Então, como atribuir ao objeto a substituição pelo ideal do ego? Ora, como isso é possível partindo-se do pressuposto que o ideal do ego é o herdeiro do *complexo de Édipo*, constituindo, desse modo, as tradições, educação e socialização que a civilização impõe a todos os seus membros?

A estas interrogações Freud esclarece:

[...] Em muitos indivíduos, a separação entre o ego e o ideal do ego não se acha muito avançada e os dois ainda coincidem facilmente; o ego amiúde preservou sua primitiva autocomplacência narcisista. A seleção do líder é muitíssimo facilitada por essa circunstância. Com freqüência precisa apenas possuir as qualidades típicas dos indivíduos interessados sob uma forma pura, clara e particularmente acentuada, necessitando somente fornecer uma impressão de maior força e demais liberdade de libido [...] (FREUD, 1996/1921, p. 139).

Contudo, para uma melhor visualização destas questões utilizaremos dois exemplos interessantes de líderes em nossa moderna sociedade. Um deles se encontra na política mundial e o outro em sua religiosidade.

A partir do documentário *Fahrenheit 9/11*, de Michael Moore, 2004, e de alguns noticiários televisivos, percebeu-se que George W. Bush (eleito no ano 2000 à presidência dos Estados Unidos da América. Depois da série de atentados do *11 de setembro* em 2001: atentados estes que deixaram a soma de 3.234 pessoas mortas, dentre elas, 19 sequestradores suicidas de origem árabe) planejou e armou algumas estratégias de guerra no sentido de inibir os ataques terroristas dirigidos contra o país. Por motivos desconhecidos<sup>8</sup>, começou a insuflar na população norte-americana, amedrontada ainda pelas consequências dos ataques e sedenta por vingança, o ódio contra a população iraquiana. Assim, em suas campanhas e discursos dizia estar o Iraque envolvido com a Al-Qaeda, principal suspeita dos crimes do *11 de setembro*.

O povo norte-americano terminou por apoiar a entrada, ou melhor, a invasão dos soldados norte-americanos nas terras iraquianas no ano de 2003. No entanto, aos poucos o efeito hipnótico causado pelo discurso do Presidente foi diminuindo, principalmente, no que diz respeito às famílias dos soldados que foram guerrear. Percebeu-se que o povo iraquiano era tão inocente quanto aqueles

---

<sup>8</sup> Estima-se que o verdadeiro motivo tenha sido o desejo por tomar posse do petróleo, abundante naquelas regiões (Cf. Michael Moore, em *Fahrenheit 9/11*; 2004).



norte-americanos que morreram no *11 de setembro*. Observou-se que os iraquianos não tinham armamento nuclear tampouco o treinamento terrorista que fora mencionado tantas vezes pelo Presidente e seus Ministros.

Não obstante, muitas vidas precisaram ser novamente sacrificadas: soldados e civis, em virtude da cegueira produzida na massa expectante e sua entrega quase que suicida nas mãos de um líder envolto em poder e dinheiro, mas pobre em moralidade.

Analisando, por outro lado, os fatores disposicionais e situacionais no que toca aos atos da Al-Qaeda e de seu líder Osama Bin Laden, pode-se dizer que seus atos: o comportamento de receber treinamento, sequestrar aviões comerciais e fazê-los colidir com arquiteturas grandiosas têm, no mínimo, uma significação simbólica. É como se destruindo o monumento e uma fração da população, estes sujeitos pudessem causar uma revolução em suas almas: honrar seus ancestrais e de certa forma introjetar aspectos da personalidade do inimigo fortalecendo assim seu próprio ego.

Importante nesta análise é precisar a relevância de Bin Laden enquanto líder e mentor dos ataques. Ele planejou, organizou e treinou os sequestradores que deveriam ver encerrados suas vidas com o choque entre os aviões e as torres gêmeas do *World Trade Center*<sup>9</sup>; contudo, ele não desembarcou nos Estados Unidos, não sequestrou os aviões e não cometeu o ato heroico suicida.

Porque, então, indivíduos concordariam em colocar um fim em suas próprias existências obedecendo aos ditames de um único indivíduo? Que poder teria este objeto para apaziguar a natureza egoísta e narcisista de cada membro do grupo? O que oferecia?

Responder estas perguntas à luz da psicologia social talvez nos traga algumas hipóteses. Consideraríamos, assim, que o líder possui um poder efetivo em recompensar os membros do grupo ou pelo menos mediar recompensas entre eles e Deus; o poder de legitimidade, referência e conhecimento<sup>10</sup> que provavelmente atribuíam a ele levariam, realmente, os membros do grupo a aceitar suas decisões sem revolta e com resignação.

Pois bem! Concordamos que estes seriam fatores a considerar no silenciamento da própria vontade, entretanto, acreditamos que a sublimação ou a transformação dos objetivos sexuais em impulsos afetivos inibidos em seus objetivos estariam subjacentes a estes motivos mais superficiais ou conscientes. Portanto, a energia libidinal investida num objeto (o líder) continuaria atuando, porém, com objetivos socialmente sustentáveis. É assim que,

---

<sup>9</sup> Na verdade quatro aviões foram sequestrados para a realização dos atentados: dois com destino a colidir com as Torres Gêmeas, um com o Pentágono e outro com a Casa Branca. Sendo que somente os dois primeiros aviões sequestrados realmente tiveram o seu destino consolidado, os dois últimos foram interceptados: um atingiu uma estrutura do Pentágono, no entanto, não casou grandes danos, o outro, fora desviado de seu caminho por uma possível luta ocorrida entre os sequestradores e os passageiros do avião.

<sup>10</sup> Para maiores esclarecimentos acerca do poder de recompensa, legitimidade, referência e conhecimento, ver Rodrigues; Assmar e Jabloski: 1999, p. 93.



Esses instintos sexuais inibidos em seus objetivos possuem uma grande vantagem funcional sobre os desinibidos. Desde que não são capazes de satisfação realmente completa, acham-se especialmente aptos a criar vínculos permanentes, ao passo que os instintos diretamente sexuais incorrem numa perda de energia sempre que se satisfazem [...] (FREUD, 1996 [1921], p. 149).

Enfim, a pressão que o grupo exerce sobre o indivíduo e sua resignação em suportar os golpes contra seu narcisismo seriam mais bem explicados pela pulsão, em parte desviada de suas finalidades sexuais. Não obstante, desejante, e centrada em torno do líder seja ele protótipo ou imago dos objetos primevos.

### Considerações Finais

O estudo das organizações fugazes ou permanentes de pessoas é um tópico importantíssimo em psicanálise, já que favorece o entendimento das condições em que a psicologia individual surge, pois, "[...] o que hoje é um ato de coibição interna foi outrora externo, imposto, talvez pelas necessidades do momento [...]" (FREUD, 1996 [1913], p. 190). E, porque não dizer, impostas por um *pai primevo* que, estaria sempre se manifestando, nos vários objetos em que o sujeito se depara durante a vida e que terminam por receber investimento libidinal. Ora, perceber quais as características deste objeto primevo a fim de melhor explicar as reações que sua presença (ou imago) irá suscitar no indivíduo é de muita relevância tanto em psicologia como em sociologia a partir do momento em que essas relações assumem maiores proporções. Este é o caso dos dois exemplos apresentados de líderes. Líderes que terminam por incentivar a ilusão (Osama Bin Laden) e a hipocrisia (Georg W. Bush).

Desse modo, tendo em vista tudo o que fora dito, conclui-se que a psicanálise não retira da ação humana a importância da sociedade com suas exigências, frustrações e prazeres. Pelo contrário, dá a devida relevância a este tópico. Portanto, dizer que Freud estuda o homem deslocado dos fatores situacionais é uma atitude apriorística que revela simplesmente um desconhecimento dos conceitos freudianos.

Enfim, percebe-se a atualidade da psicanálise quando posta a discutir fenômenos e sintomas sociais: suas observações, coerência e capacidade de detalhamento, e sua tentativa em solucioná-los de modo a contribuir para a construção de uma sociedade calcada no princípio de realidade, mas transitando, vez ou outra, nos caminhos do princípio de prazer traduzidos muitas vezes na arte, esporte e cultura.





## Referências

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). *In. Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVIII, Obras completas (1920-1922).

\_\_\_\_\_. O interesse sociológico da psicanálise (1913). *In. Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIII, Obras completas (1913-1914).

\_\_\_\_\_. Totem e tabu (1913 [1912-1913]). *In. Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIII, Obras completas (1913-1914).

**FAHRENHEIT 9/11**. Direção: Michael Moore. EUA, 2004. Documentário. Distribuidora: Europa. Duração: 110 min.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia social**. Petrópolis: Editora vozes, 24ª edição, 1999.



### Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, D.S.S.; SILVA, M.M.; GOMES, C.M.S.; MACÊDO, M.A.; BARBOSA, J.S. Um Estudo Psicanalítico sobre a Formação de Grupo. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Julho de 2016, vol.,10 n.30, Supl 1. p. 336-344. ISSN 1981-1179.

Recebido: 10/05/2016

Aceito: 18/05/2016